

A GEOGRAFIA ESCOLAR COMO MENSAGEIRA DA GLOBALIZAÇÃO EM TEMPOS DE DUAS PANDEMIAS: a de covid-19 e a de pós-verdade

SCHOOL GEOGRAPHY AS A GLOBALIZATION MESSENGER IN TIMES OF TWO PANDEMICS: covid-19 and post-truth

JOSÉ RENATO SOARES PIMENTA

Mestre em Geografia (PPGEO/UERJ)

Especialista em Gestão Escolar (UNINTER)

Especializando em Teorias e Práticas de Geografia Escolar (Colégio Pedro II)

Professor do Ensino Fundamental (SME/Rio e SMEC/Itaguaí)

jrenatopimenta@gmail.com

RESUMO: O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19 TEM SIDO DIFICULTADO PELAS CONSEQUÊNCIAS DE UMA “OUTRA PANDEMIA”, A DA PÓS-VERDADE, GERADORA DE DESINFORMAÇÃO QUE FAZ PARTE DA POPULAÇÃO A DESCUMPRIR NORMAS DE ISOLAMENTO SOCIAL. A GEOGRAFIA PRODUZ, ENQUANTO CIÊNCIA HUMANA, RESPOSTAS AOS QUESTIONAMENTOS QUE EMERGEM DESSE MOMENTO DE CRISE CIVILIZATÓRIA GLOBAL, E A GEOGRAFIA ESCOLAR TEM, ENQUANTO DISCIPLINA CURRICULAR OBRIGATÓRIA, CAPILARIDADE JUNTO À POPULAÇÃO PARA LEVAR INFORMAÇÕES VALIDADAS CIENTIFICAMENTE, QUE SE CONTRAPONHAM ÀS *FAKE NEWS* CARACTERÍSTICAS DA ERA DA PÓS-VERDADE. O APLICATIVO WHATSAPP, UM DOS PRINCIPAIS VEÍCULOS DE DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS, PODE SER TAMBÉM UMA IMPORTANTE FERRAMENTA DEMOCRÁTICA DE ACESSO À EDUCAÇÃO REMOTA DURANTE A QUARENTENA, COM ALCANCE A MAIS PESSOAS DO QUE QUALQUER PLATAFORMA EAD PODERIA ALMEJAR. ESTE TRABALHO BUSCA SITUAR A GEOGRAFIA ESCOLAR NESTE CONTEXTO ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA DE AULAS DE GEOGRAFIA ASSÍNCRONAS NA MODALIDADE REMOTA EMERGENCIAL VIA WHATSAPP, ORIGINADAS PELA NOSSA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO MOMENTO DE QUARENTENA, NAS QUAIS SÃO CORRELACIONADOS CONTEÚDOS SOBRE A PANDEMIA E HABILIDADES PREVISTAS NA BNCC.

PALAVRAS-CHAVE: GEOGRAFIA ESCOLAR; PANDEMIA; GLOBALIZAÇÃO; PÓS-VERDADE; WHATSAPP.

ABSTRACT: THE CONFRONTATION OF COVID-19 PANDEMIC HAS BEEN HAMPERED BY THE CONSEQUENCES OF ANOTHER PANDEMIC, THAT OF THE POST-TRUTH, WHICH GENERATES DISINFORMATION THAT LEADS A PORTION OF THE POPULATION TO BREACH THE RULES OF SOCIAL ISOLATION. GEOGRAPHY, AS A HUMAN SCIENCE, HAS ANSWERS TO QUESTIONS THAT EMERGE FROM THIS MOMENT OF GLOBAL CIVILIZING CRISIS AND THE SCHOOL GEOGRAPHY, AS A MANDATORY CURRICULAR SUBJECT, HAS CAPILLARITY WITH THE POPULATION TO BRING INFORMATION VALIDATED SCIENTIFICALLY, IN CONTRAST TO THE *FAKE NEWS* SO CHARACTERISTIC OF THIS POST-TRUTH ERA. THE WHATSAPP APPLICATION, DESPITE BEING ONE OF THE MAIN VEHICLES FOR SPREADING FALSE NEWS, CAN ALSO BE AN IMPORTANT DEMOCRATIC TOOL FOR ACCESSING REMOTE EDUCATION DURING QUARANTINE, WHICH HAS THE POWER TO ATTAIN MORE PEOPLE WITH MORE REACH THAN ANYONE EAD PLATFORM COULD AIM FOR. THIS WORK SEEKS TO SITUATE SCHOOL GEOGRAPHY IN THIS CONTEXT THROUGH A PROPOSAL FOR ASYNCHRONOUS GEOGRAPHY CLASSES IN DISTANCE EDUCATION VIA WHATSAPP, ORIGINATED BY OUR PEDAGOGICAL EXPERIENCE AT THE TIME OF QUARANTINE, IN WHICH CONTENTS ABOUT THE PANDEMIC AND SKILLS PROVIDED IN THE BNCC ARE CORRELATED.

KEYWORDS: SCHOOL GEOGRAPHY; PANDEMIC; GLOBALIZATION; POST-TRUTH; WHATSAPP.

INTRODUÇÃO

Vivemos dias incertos. Como se já não bastasse a efemeridade da modernidade líquida elucidada por Bauman (2001), o desmanche no ar aludido por Berman (1986) de tudo que a sociedade julgava sólido, a crise ambiental ensejada pelo modelo de produção capitalista alardeada desde os anos de 1960 e o ascendente Neofascismo catapultado pelo meio técnico-científico-informacional que deu início à Era da Pós-verdade, entre outras dezenas de mazelas do nosso tempo que poderíamos aqui listar, teve início em dezembro de 2019 a maior pandemia dos últimos cem anos. A disseminação do vírus SARS-Cov-2, uma nova mutação do Coronavírus transmissora de uma Síndrome Respiratória Aguda Grave, deu origem à doença que ficou conhecida como COVID-19.

Como geógrafos e professores de Geografia, perguntamo-nos: como a Geografia pode tomar parte nesse contexto? Quais contribuições a Geografia, enquanto ciência, pode dar para a mitigação das consequências nefastas que assolam a população? E a Geografia Escolar, que papel pode desempenhar? Essas inquietações deram origem a esse artigo.

Sem o intuito de encerrar a discussão acerca das questões levantadas acima, o presente trabalho busca contribuir para situar a Geografia, sobretudo a Geografia escolar, no contexto do que aqui chamamos de “duas pandemias”: a pandemia biológica de COVID-19 e a “pandemia” da viralização das *fake news*, da disseminação de notícias falsas pelos mais diversos agentes socioespaciais, através do meio técnico-científico-informacional. Para tanto, o artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente relacionaremos o conceito de Globalização às referidas “pandemias”, mostrando como tal relação invoca ontologicamente a Geografia a tomar parte desta discussão; em sequência aprofundaremos brevemente a ideia da Era da Pós-verdade como uma “pandemia de desinformação”; a seguir, discutiremos o papel da Geografia Escolar em fazer contraponto à desinformação, às *fake*

news e à pós-verdade, papel esse que emerge da capilaridade, do alcance que a Geografia tem em parcela significativa da população; por fim, traremos algumas propostas de aulas assíncronas de Geografia para os quatro anos finais do Ensino Fundamental, em modalidade remota emergencial, utilizando o Whatsapp como ferramenta democrática de acesso à educação remota em período de quarentena.

Sobre a metodologia, trata-se de um esforço exploratório, segundo classificação proposta por Gil (2002), já que este trabalho busca maior familiaridade com o problema, no intento de torná-lo mais explícito ou elaborar hipóteses a respeito. Pesquisas exploratórias, ao contrário das pesquisas descritivas e explicativas, têm como objetivo o aprimoramento de ideias e/ou a descoberta de intuições. Na maioria dos casos, pesquisas exploratórias envolvem levantamento bibliográfico e análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (SELLTIZ et al. 1967 *apud* GIL, 2002, p. 41).

Já de acordo com os procedimentos técnicos utilizados, esta seria uma pesquisa-ação, pois exige o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema (GIL, 2002, p. 55). Thiollent (1986, p. 14) conceitua a pesquisa-ação como um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Segundo este autor, numa pesquisa-ação os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Para Thiollent (1986, p. 7), a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro, definição que engloba este trabalho.

A relevância deste esforço se dá justamente pelo exposto acima, já que as aulas aqui propostas buscam contribuir para que os estudantes que venham a participar de tais aulas desenvolvam habilidades espaciais previstas na BNCC que contribuam individual e coletivamente para o enfrentamento consciente espacialmente

deste momento de pandemia. Destaca-se o foco no desenvolvimento de habilidades espaciais nos alunos para reforçarmos que este deve ser o objetivo principal da Geografia enquanto disciplina escolar básica.

A Educação Geográfica, nos conceitos os quais ela trata e nas habilidades as quais os alunos constroem através dela, contribui diretamente para a formação de cidadãos críticos e conscientes do mundo em que vivem. E essa consciência é multiescalar, pois ter consciência do mundo em que vive requer a noção tanto da conjuntura global, quanto da conjuntura regional e também da local, e de como essas múltiplas escalas se influenciam mutuamente. Muitas vezes, essa característica da Educação Geográfica, de ajudar a construir e desconstruir características atitudinais nos discentes é confundida com o objetivo principal da Geografia enquanto disciplina do currículo escolar do ensino básico, sendo essa, para muitos, a base do discurso da manutenção da existência enquanto componente curricular, o que consideramos um erro. Isto porque essa contribuição para a formação de uma consciência e criticidade sobre o mundo não é atribuição somente da Geografia, mas sim de todas as disciplinas escolares (STRAFORINI, 2018, p. 177).

GLOBALIZAÇÃO, PANDEMIAS E GEOGRAFIA

O conceito de Globalização, cuja difusão do termo ocorreu por meio da imprensa financeira internacional em meados da década de 1980 (RIBEIRO, 2002), é ontologicamente ligado à Geografia e desta ciência tem recebido atenção, através de obras de eminentes geógrafos, tais como Milton Santos, em *A Natureza do Espaço* (2006) e *Por uma outra Globalização* (2001), Manuel Castells, em *Sociedade em Rede* (1999), e David Harvey, em *Condição pós-moderna*, apenas para atermo-nos a estes clássicos.

Desses clássicos supracitados emergem, entre inúmeras outras, importantes contribuições conceituais, tais como que o “meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da Globalização” (SANTOS, 2006, p. 160), cujo

conjunto de técnicas, presentes e passadas na conformação do território, dão-se através de um processo de desenvolvimento desigual e combinado (SANTOS, 2006, p. 21); que a Globalização é o ápice da internacionalização do Capitalismo (SANTOS, 2001, p. 23), a qual pode ser vista como uma fábula, como perversidade ou como possibilidade; que a atual fase da Globalização tem no funcionamento em rede um de seus aspectos centrais (CASTELLS, 2006 *apud* FUINI, 2013, p. 58); ou que uma das características da Globalização, enquanto processo derivado da organização e expansão do Capitalismo, é a compressão do tempo-espço, ao propor, por exemplo, que “há algum tipo de relação necessária entre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e um novo ciclo de “compressão do tempo-espço” na organização do capitalismo” (HARVEY, 2008, p. 7).

Já na Geografia escolar do Ensino Fundamental, ao introduzirmos os alunos ao conceito, apresentamos-lhes a Globalização como o processo de cada vez maior interligação econômica, política, social e cultural do mundo. E essa maior interligação entre as diferentes partes do mundo só é possível graças aos avanços tecnológicos, principalmente nos setores da tecnologia de transportes, que permitem fluxos de pessoas, de mercadorias e de serviços cada vez mais rápidos, e de comunicações, que permitem fluxos de informações e de dinheiro em tempo real.

Mas o que a Globalização tem a ver com a pandemia do Novo Coronavírus? Tudo! Se acabamos de afirmar que um dos fatores da Globalização são as viagens cada vez mais rápidas, com um fluxo de pessoas cada vez mais rápido pelo mundo, são essas pessoas viajando que fazem o vírus COVID-19 circular. O vírus não circula sozinho, as pessoas infectadas é que circulam e disseminam o vírus. Segundo Sposito e Guimarães (2020), a atual pandemia “não se trata de um problema de saúde pública, nos mesmos moldes que outras pandemias geraram, mas de um novo desafio a ser enfrentado: a busca de

Saúde Global”, pois, no atual mundo globalizado, o Vírus da Covid-19 tem mais condições de se distribuir espacialmente.

Sobre a relação entre a pandemia de COVID-19 e a Globalização, Cueto (2020) afirma que:

Esta epidemia não é mais do que a última de uma triste sequela que começou nos anos oitenta do século passado, quando a maior parte dos governos do mundo abraçaram o neoliberalismo e a globalização e a sua cruel doutrina que proclamava uma drástica redução dos gastos públicos e desmantelamento da intervenção do Estado nos programas sociais. Desta maneira, se criou uma cultura onde o lucro estava por cima de tudo e de todos; onde valia o corte dos recursos humanos dos sistemas de saúde, tanto nacionais quanto internacionais, e onde se banalizaram um rosário de desastres sanitários como a Aids, Dengue, SARS, H1N1, Ebola, Zika e agora a epidemia que nos oprime.

Contudo, há o outro lado desta moeda, tal qual nos coloca Timoner (2020), ao nos dizer que “A COVID-19 é o espinho na globalização. O que a crise de 2008-09 e a revolta identitária não tinham conseguido em uma década, um vírus alcançará em meses”. Com isso, este autor defende a tese de que a desorganização socioeconômica causada pela pandemia desnudará de maneira indelével as contradições do Capitalismo e gerará uma convulsão social que abalará permanentemente os alicerces deste sistema. Dumont (2020, p. 5) questiona até se esta pandemia não seria o fim da *Geografia da Hiper mobilidade*, posto que “A geografia da mobilidade explica claramente a difusão inicial na China do COVID-19 e, em seguida, sua intensidade internacional variável segundo os territórios e em todas as escalas geográficas” e que “a interrupção da hiper mobilidade e, mesmo, da mobilidade em geral, engendra um incremento inédito do teletrabalho como se, sob a coerção do vírus, a preferência pela proximidade prevalecesse sobre a mobilidade”.

Temos de ressaltar o fato de que a supracitada desorganização socioeconômica causada pela pandemia, com a necessidade de isolamento social, quarentena, lockdown, paralisação de atividades econômicas não-essenciais, depressão do PIB, entre outros problemas, é agravada pela ocorrência do que aqui chamaremos de uma *outra pandemia*. Essa não seria uma pandemia biológica, mas, devido à rápida viralização de notícias falsas pelas redes sociais, poderíamos, de maneira metafórica, referirmos-nos ao fenômeno das *fake news* como uma “pandemia” cujo vírus dissemina uma doença de desinformação, cuja geograficidade se dá, tal qual Milton Santos vaticinou, pelo meio técnico-científico-informacional. Estamos falando da crise causada pela desinformação advinda da pós-verdade. Milton Santos pregou uma outra Globalização, e além de todos os preceitos por ele defendidos, lutar por uma outra globalização em tempos de pós-verdade, significa também lutar contra a disseminação de desinformação através das *fake news*. Esse é o assunto que trataremos a seguir.

DUAS PANDEMIAS: COVID-19 E PÓS-VERDADE

É importante termos a noção de que, antes da ocorrência da atual pandemia do Novo Coronavírus, iniciada em dezembro de 2019, já estava em curso uma “outra pandemia”, a da pós-verdade. Ainda em 2016, o vocábulo pós-verdade foi considerado a palavra do ano na língua inglesa pela Oxford Dictionaries (FÁBIO, 2016), o que, por si, já era sintomático da imersão da sociedade no que se convencionou chamar de Era da Pós-verdade. A importância da consolidação dessa noção nos ajuda a entender como essa “pandemia” da pós-verdade atrapalhou e tem atrapalhado o combate à pandemia biológica do COVID-19.

A própria conjuntura da popularização do termo *pós-verdade*, durante o ano de 2016, quando da ocorrência da vitória de Donald Trump nas eleições estadunidenses e da vitória do BREXIT no referendo sobre a permanência ou saída britânica da União Europeia (HANCOCK,

2016), situam a Geografia no centro dessa discussão, dadas as causas e as consequências desses dois eventos para a geopolítica mundial.

A definição de pós-verdade popularizada pela Oxford Dictionaries é a de que este vocábulo é relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais (HANCOCK, 2016). Do fim de 2016 em diante, a comunidade acadêmica tem se debruçado sobre este termo, para melhor entendê-lo e analisá-lo, buscando diagnósticos sobre esse fenômeno e prognósticos sobre suas consequências, algumas das quais nós já estamos sofrendo, inclusive na dificuldade em convencer parcela considerável da população a aderir às ações de mitigação dos efeitos da pandemia.

Roiz (2018, p. 26) questiona sobre quais argumentos nos permitem afirmar que estaríamos vivendo uma Era da *pós-verdade*. O autor invoca Eric Hobsbawm, o qual teria definido Era como sendo “um momento marcado por mudanças rápidas e drásticas, embora perfeitamente perceptíveis pelo estudioso, nas quais os homens e as sociedades se encontram imersos, de modo a não saberem ao certo como reagirem aos desafios lançados em seu presente”. Sendo essa a definição de *Era*, estaríamos sim vivendo a Era da Pós-verdade, e sendo a pós-verdade algo que causa danos, que degenera e adoece as bases nas quais se apoiam o Estado Democrático de Direito, podemos classificar o alcance e as consequências descontrolados da pós-verdade como uma pandemia, pelo menos para efeito de correlação e coexistência com a pandemia de COVID-19.

Segundo Gabriel (2018 *apud* TOBIAS, 2018, p. 67), as notícias falsas (*fake news*) e a pós-verdade são duas ações antiéticas conhecidas por serem tão antigas quanto a humanidade, porém, ganharam mais destaque na situação atual, tendo em vista a facilidade de propagá-las nos ambientes virtuais, a velocidade com que se disseminam e o grande público que acessa o meio digital (TOBIAS, 2018, p. 67). A autora supracitada afirma que as *fake news* estabelecem

relação com a pós-verdade quando há negligência em relação às informações verdadeiras (2018, p. 69), entretanto tal fenômeno não está ligado diretamente com todo tipo de *fake news*, pois “a pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. [...] O que a pós-verdade traz de novo não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência (D’ANCONA, 2018 *apud* TOBIAS, 2018, p. 70). Eis uma das condições estruturais da Era da pós-verdade, as quais seguem abaixo.

Num esforço de elencar as condições estruturais da Era da Pós-verdade, Gomes (2018, p. 87-88) sumariza as diversas situações que facilitam a divulgação de *fake news*:

- Como parte da massa de manobra pseudo-esclarecida, de um grupo de pessoas que se julga capaz de separar [...] as informações verdadeiras das falsas, cada um de nós se torna um vetor das falsas notícias na medida em que repassamos [...] sem fazer uma crítica ao seu conteúdo;
- Há instituições que manipulam a opinião pública visando a atingir um determinado objetivo e espalham notícias falsas nas redes sociais e na internet;
- Nossa razão é limitada: tem dificuldade em lidar com muitas informações e se mostra por vezes incapaz de tomar a decisão mais acertada, mesmo se tivesse todas as informações disponíveis;
- Somos seres movidos por nossas crenças, símbolos e valores. Construímos um mundo de símbolos que orientam nossa ação e nosso entendimento da situação, o que nos torna seres morais, que tendem a escolher um lado da disputa;
- Nosso cérebro foi feito para aceitar as teorias que preferimos e rejeitar as demais. Na verdade, o cérebro tem dificuldade para mudar de opinião e tampouco se preocupa com o que é certo ou errado, pois “ele” quer nos tornar vitoriosos, e prefere generalizar o que já acreditamos a discutir detalhes que coloque em xeque nossos pontos de vista;

- Ao menos desde a Grécia antiga tem se usado a retórica alicerçada em crenças em vez de conhecimento para convencer as pessoas e obter poder;

- O custo para desmentir uma falsa notícia é alto, pois é muito fácil espalhá-la, mas muito difícil atingir a todos que a receberam a fim de desmenti-la.

Este último ponto expõe a tarefa ingrata de desmentir notícias falsas, com apelos emocionais em detrimento da razão, na Era da Pós-verdade, dado que o alcance da retificação da informação dificilmente terá a mesma força de espalhamento da *fake news* original, até porque as pessoas que se empenharam em disseminar a desinformação não apresentarão o mesmo empenho em disseminar a informação validada cientificamente, seja de maneira consciente ou inconsciente, pois isso afrontaria suas visões de mundo.

Daí emerge o fato de que, para confrontar as *fake news*, não basta que disseminemos uma informação validada pelos mesmos veículos por onde circulam a informação falsa. Isso é importante, mas tão importante quanto é a necessidade de disseminarmos informações validadas por outros meios, e nesse sentido, renova-se o papel da escola como vultoso aparelho social de resistência na Era da Pós-verdade, e do currículo escolar como instrumento político.

Considerando que, tanto a velocidade de espalhamento do Novo Coronavírus, quanto a velocidade de disseminação de *fake news* estão relacionadas ao meio técnico-científico-informacional que possibilita a intensificação da Globalização, a Geografia escolar é ontologicamente alçada a um posto de destaque como componente curricular imbuído de levar à parcela considerável da população as informações validadas que farão contraponto às informações falsas no contexto das duas pandemias, de COVID-19 e de pós-verdade, que ora ocorrem concomitantemente, conforme discutiremos na sequência.

A CAPILARIDADE DA GEOGRAFIA, ENQUANTO DISCIPLINA ESCOLAR, PARA DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES VALIDADAS SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19: ALGUNS EXEMPLOS

Rápidas respostas têm sido dadas pela Geografia Acadêmica à urgência por ações elucidativas e mitigadoras que emanam das perdas individuais e coletivas causadas pela pandemia de COVID-19. Podemos citar, por exemplo, as “reflexões geográficas” à luz do conceito de território publicadas pelo geógrafo Rogério Haesbaert (2020a; 2020b), professor da Universidade Federal Fluminense, no site da seção de Campinas da Associação dos Geógrafos Brasileiros, ainda em 24 de março de 2020, menos de um mês após o primeiro caso de COVID-19 registrado no país. Outro importante registro, nesse sentido, foi o texto publicado na Revista Forbes pelo meteorologista Marshall Shepherd (2020), professor do Departamento de Geografia da Universidade da Geórgia, no qual ele propõe que a Geografia é parte-chave da luta contra o surto do novo coronavírus.

Todavia, é inegável que, entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar, a que possui maior alcance direto à população para disseminação de informações validadas cientificamente a respeito da pandemia é a segunda opção, devido à capilaridade que lhe é conferida pelo status de disciplina escolar obrigatória no Ensino Fundamental, com a devida vênua para a Reforma do Ensino Médio de 2016/2017, que melindrou tal status de obrigatoriedade da disciplina nesta etapa da Educação Básica. Para efeito de uma rápida elucubração, recorreremos aos dados do último Censo Escolar, feito em 2019 pelo INEP.

Se considerarmos que, no ano do citado recenseamento, havia aproximadamente 34 (trinta e quatro) milhões de estudantes matriculados nas etapas Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica (INEP, 2020), sendo aproximadamente 15 (quinze) milhões nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental), 12 (doze) milhões nos Anos Finais (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) e 7 (sete) milhões no Ensino Médio (em todas

as modalidades), podemos considerar que a Geografia Escolar tinha, no momento retratado naquele Censo, alcance direto a aproximadamente 15% (quinze por cento) da população brasileira, isso sem considerarmos o alcance indireto a parentes, vizinhos e amigos dos estudantes, tanto físicos quanto em redes sociais. Contudo esta hipótese precisa ser corroborada ou refutada em trabalho posterior.

No caso do Ensino Fundamental, há de se considerar ainda que muitos estudantes estão recebendo auxílio de responsáveis ou familiares para assistir às aulas remotamente, o que aumenta a quantidade de pessoas que estão em contato com informações validadas cientificamente. Não obstante, é preciso que as(os) professoras(es), ao planejarem essas aulas remotas, incluam conhecimentos relacionados à pandemia, sempre que o currículo permitir.

Tomando como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Geografia tem várias oportunidades de incluir informações validadas cientificamente sobre a pandemia nas aulas. Aqui consideraremos apenas as orientações curriculares referentes à Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental, isto é, do 6º ao 9º ano. Para exemplificar, traremos algumas propostas.

O presente autor atua como professor regente nas redes públicas municipais do Rio de Janeiro/RJ e de Itaguaí/RJ, estando lotado, na rede carioca, na Escola Municipal Professora Eulália Rodrigues de Oliveira Vieira, localizada no bairro de Santa Cruz, zona oeste da cidade. Nesta unidade escolar, assim que as aulas remotas se iniciaram, destarte foi feito o esforço de incluir a temática da pandemia logo nas primeiras lições de cada um dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Desta circunstância advém as propostas de aulas a seguir.

Para o 6º ano, a BNCC lista como primeira habilidade a ser desenvolvida (EF06GE01) “comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” (BRASIL, 2017, p. 385). Para alcançar tal objetivo, devemos trabalhar com

os discentes os conceitos-chave da Geografia, com ênfase para os conceitos de paisagem e lugar. A partir disso, produzimos uma aula intitulada *Os conceitos-chave da Geografia e o Novo Coronavírus*, na qual demonstramos como a atual pandemia era passível de ser analisada à luz dos conceitos de paisagem, território e lugar, dando como exemplos recortes da cidade do Rio de Janeiro e do bairro de Santa Cruz, localizado no extremo oeste da cidade, pois são recortes espaciais que se relacionam com os espaços de vivência dos alunos aos quais este professor-pesquisador atende na rede pública municipal carioca. Abordar o espaço vivido dos alunos nas aulas e relacionar este espaço com o conteúdo curricular vem mitigar uma lacuna apontada por Castrogiovanni (2000 *apud* NEVES, 2015, p. 64), a de que existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. Neves afirma que um dos muitos fatores que concorrem para que a escola não seja atraente é apontado diretamente pelo autor no trecho citado: a escola não se aproxima da vida dos estudantes (NEVES, 2015, p. 64). Ainda recorrendo a Castrogiovanni, Neves explicita que o autor destaca a necessidade de as aulas de Geografia proporcionarem situações de aprendizagem que tenham como foco as representações da vida dos alunos, promovendo a interação entre o conhecimento do cotidiano e os conteúdos escolares (CASTROGIOVANNI, 2000 *apud* NEVES, 2015, p. 54).

Já para o 7º ano, a BNCC lista como segunda habilidade a ser desenvolvida (EF07GE02) “analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.” (BRASIL, 2017, p. 387). Esta habilidade descrita nos permite relacionar o conteúdo de Geografia do Brasil à pandemia de COVID-19. A partir disso, produzimos uma aula intitulada *O Novo Coronavírus no Brasil*, na qual abordamos os impactos da pandemia no Brasil; explanamos o

conceito de pandemia, diferenciando-o do termo epidemia; utilizamos o recurso da anamorfose geográfica; diferenciamos transmissão importada de transmissão local e transmissão comunitária; analisamos como se dá a distribuição desigual dos casos de contágio pelo COVID-19 no país; e relacionamos a distribuição desigual dos casos de Novo Coronavírus com a distribuição desigual da população no Brasil;

Para o 8º ano, a BNCC lista logo como primeira habilidade a ser desenvolvida (EF08GE01) “descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes” (BRASIL, 2017, p. 389). Esta habilidade descrita nos permite relacionar o conteúdo de Globalização e meio técnico-científico-informacional à disseminação do vírus SARS-CoV-2 pelo mundo. A partir disso, produzimos uma aula intitulada *Novo Coronavírus: teu nome é Globalização*, na qual relacionamos a pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19) com o processo de Globalização, compreendendo como o vírus se distribuiu pelo mundo e porque alguns países são mais afetados do que outros, de acordo com desenvolvimento desigual e combinado do meio técnico-científico-informacional; reforçamos o entendimento do conceito de Globalização e outras noções correspondentes, como redes geográficas, aldeia global, compressão espaço-temporal, etc.; e explanamos o conceito de pandemia, diferenciando-o do termo epidemia.

Por fim, para o 9º ano, a BNCC lista como quinta habilidade a ser desenvolvida (EF09GE05) “analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, política e cultural), comparando as diferentes interpretações: globalização e mundialização.” (BRASIL, 2017, p. 393). Esta habilidade descrita, atrelada ao enfoque dado ao continente europeu no primeiro bimestre desta série, permite-nos relacionar o conteúdo de Globalização e meio técnico-científico-informacional à disseminação do vírus SARS-CoV-2 pelo mundo, com enfoque

na Europa, sobretudo em países que foram o epicentro do vírus, como a Itália, comparados a países que conseguiram implementar medidas eficientes de mitigação da pandemia, como a Alemanha. A partir disso, produzimos uma aula intitulada *O Novo Coronavírus no continente europeu*, na qual analisamos as causas e consequências da pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19) nos países europeus; explanamos o conceito de pandemia, diferenciando-o do termo epidemia; relacionamos o passado de exploração colonial europeu à pandemia do COVID-19; relacionamos a mortalidade do COVID-19 na Europa ao envelhecimento populacional europeu; e ressaltamos o papel do continente europeu no mundo globalizado e a relação disso com a pandemia do Novo Coronavírus.

Para disponibilizar tais aulas aos estudantes em modalidade remota emergencial, bem como possibilitarmos o estabelecimento de um fórum de discussão e tiragem de dúvidas, a ferramenta proposta é o aplicativo de smartphone Whatsapp, através do qual o material da aula foi encaminhado ao grupo de responsáveis, os quais se responsabilizaram a repassá-los aos estudantes. Como este artigo foi escrito concomitantemente à realização destas aulas junto ao alunado da unidade escolar na qual este professor-pesquisador atua na rede pública carioca, não houve tempo hábil para analisarmos o feedback dos estudantes e o resultado pedagógico das atividades. Por isso, este esforço foi escrito como uma proposta de prática pedagógica, relacionando conteúdos referentes à pandemia com as habilidades geográficas previstas na BNCC.

Sobre esse contexto, de utilização do Whatsapp como ferramenta educacional, faremos algumas considerações a seguir.

O WHATSAPP COMO EXEMPLO DE FERRAMENTA AMBÍGUA EM TEMPOS DE DUAS PANDEMIAS

Há um clichê de que nenhuma tecnologia é boa ou má. O que definiria esse juízo de valor seria o uso que as pessoas fazem de cada ferramenta

tecnológica. Esse raciocínio é facilmente aplicável ao Whatsapp na Era da Pós-verdade.

O Whatsapp é um aplicativo multiplataforma que permite o envio instantâneo de mensagens de texto, de áudio, de imagens e de vídeo, a realização de chamadas de áudio e de vídeo, bem como de videoconferências, o envio de arquivos anexos, como arquivo de texto, de áudio, de imagem, de vídeo, contatos, e dados de localização georreferenciada em tempo real.

Assim como a rede social Facebook, o Whatsapp tem sido largamente utilizado como ferramenta de disseminação de *fake news*, principalmente com motivação política, e com efeitos práticos em diversos pleitos democráticos, como a eleição de 2016 nos EUA, o referendo sobre o permanência ou saída do Reino Unido da União Europeia, e as eleições presidenciais de 2018 no Brasil, conforme vasto relato da imprensa, como por exemplo a matéria do jornal *El País* intitulada “Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?” (MARS, 2018), e produção acadêmica especializada, como por exemplo, a dissertação de Mirela Tobias (2018), intitulada “O fenômeno da pós-verdade no Facebook: análise das *fake news* relacionadas aos candidatos à presidência do Brasil no primeiro turno das eleições de 2018”.

Em comparação com o Facebook, pesa sobre o Whatsapp a questão da criptografia para garantia do caráter privado da troca de mensagens, o que seria garantia de anonimato e impunidade para os que cometem o crime virtual de divulgação de notícias falsas com motivações eleitorais (BRASIL, 2019), lei 13.834/2019, que atualiza o Código Eleitoral brasileiro.

Contudo, o aplicativo Whatsapp pode exercer um papel ambíguo em tempos de “*duas pandemias*”, pois mesmo sendo uma poderosa ferramenta de divulgação de *fake news*, também pode ser uma ferramenta democrática de acesso à educação remota no período de quarentena, no qual as escolas permanecem fechadas, para evitar o aumento de casos de contágio pelo Novo Coronavírus.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) “são cada vez mais frequentes em ambientes escolares, porém o uso dessas tecnologias pode ser ampliado a espaços não formais visando contemplar alunos que necessitem de atendimento especializado” (SANSÃO, 2018, p. 3), como é o caso da educação remota em período de quarentena.

Sobre a utilização do Whatsapp como ferramenta pedagógica, Sansão (2018) afirma que a facilidade do aplicativo com tal finalidade se justifica porque é uma comunicação, também, adotada em ambiente familiar. O autor ainda alerta para a “possibilidade didática do uso do aplicativo de comunicação WhatsApp, utilizado em smartphone, e WhatsApp web, utilizado em PCs e notebooks, possibilitando elaborar novas formas didáticas interdisciplinares dessa tecnologia popular” (SANSÃO, 2018, p. 3).

Ferreira, Luz e Maciel (2015, *apud* SANSÃO, op. cit. p. 4), trazem dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que nos ajudam a dimensionar a viabilidade do Whatsapp como ferramenta didática, os quais nos evidenciam o crescimento na proporção de internautas no país, de 49,2%, em 2012, para 50,1%, em 2013, do total da população. Os autores prosseguem dizendo que, segundo dados de 2013 do IBGE, o Brasil totalizava aproximadamente 86,7 milhões de usuários de internet com 10 anos ou mais. E ainda nos informam de que houve um “aumento de residências que se limitam ao aparelho celular como meio telefônico em 2013. Foram contabilizadas cerca de 130 milhões e 8 mil pessoas de dez anos ou mais, ou 75,5% da população no Brasil, com celular”.

Cabe também ressaltarmos que, para além do fato de o Whatsapp possuir mais entrada na população brasileira do que qualquer plataforma de EaD (Educação à Distância) poderia almejar, já que, no Brasil, os gestores do aplicativo afirmam possuir uma base de 130 milhões de usuários (VALENTE, 2019), todas as quatro maiores operadoras de telefonia em atuação no Brasil (TIM, Claro, Vivo e Oi) oferecem vários planos nos quais o acesso ao Whatsapp é gratuito, garantido

mesmo se o pacote de transferência de dados for totalmente utilizado, conforme pode ser apurado numa rápida pesquisa no Google. Logo, a utilização do Whatsapp como ferramenta para disponibilização de aulas remotas garantiria o acesso de mais estudantes ao material das aulas, pois não precisariam de um PC ou Notebook, bem como também conseguiriam acesso até se não tiverem pacote de dados disponível. Há também de se considerar o aspecto lúdico da utilização de ferramentas tecnológicas cotidianas nas aulas, o que, por si, pode criar uma experiência de aprendizagem mais prazerosa e significativo, do ponto de vista neuroeducacional, em comparação com a rigidez praxiológica do processo de ensino-aprendizagem tradicional no ambiente de sala de aula.

No caso de nossa proposta com a utilização do Whatsapp como ferramenta democrática de acesso às aulas remotas no período de quarentena, o material de cada aula enviada consiste de um arquivo em formato PDF, com texto, imagens, mapas, gráficos e exercícios, acompanhado de duas vias de um áudio com a explicação do professor, geralmente com 15 (quinze) a 20 (vinte) minutos de duração, nos formatos OPUS (áudio do Whatsapp) e MP3 (aceito pela maioria dos aplicativos de reprodução de áudio). Os estudantes foram recomendados a acompanhar o material escrito concomitantemente com a audição da explicação. Na semana posterior, juntamente com a aula seguinte, foi enviado o gabarito dos exercícios e, nesse ínterim, o aluno pôde entrar em contato com o professor para sanar possíveis dúvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestes tempos de duas pandemias, a de COVID-19 e a de pós-verdade, há um fenômeno socioespacial que conecta esses dois problemas: a Globalização. O meio técnico-científico-informacional que possibilita viagens cada vez mais rápidas e trocas de informação em tempo real, é o mesmo meio que possibilita a rápida disseminação do vírus SARS-CoV-2 e das *fake news*, que entre

outras consequências, tem causado dificuldades em implementar, junto à população, medidas de isolamento social que mitiguem a expansão do contágio pelo Novo Coronavírus.

Uma das mais importantes informações validadas que a Geografia Escolar pode levar à população, em relação à pandemia de COVID-19, é a de que a ocorrência de uma pandemia em escala global só é possível graças à Globalização. Essa informação ajuda a desmistificar a origem do vírus e de sua propagação pelo mundo, em contraponto a uma série de desinformações propagadas, tais como classificar o novo Coronavírus como “vírus chinês” ou sobre a pandemia como algum castigo divino.

É importante a noção da correlação entre a atual pandemia do Novo Coronavírus e uma “*outra pandemia*” que já ocorria na sociedade, a da pós-verdade, pois essa noção nos ajuda a entender como a noção de pós-verdade atrapalhou e tem atrapalhado o combate à pandemia biológica do COVID-19. O próprio contexto da popularização do termo *pós-verdade* situa a Geografia no centro dessa discussão e eleva a Geografia escolar a um posto de destaque como componente curricular imbuído de levar à parcela considerável da população as informações validadas que farão contraponto às informações falsas.

A Geografia escolar possui, o que aqui chamamos, de capilaridade junto à população, pois, se considerarmos os dados do Censo Escolar de 2019, a Geografia Escolar alcança diretamente a 34 (trinta e quatro) milhões de brasileiros, além do grande alcance indireto que as aulas remotas podem ter durante a pandemia, já que muitos familiares têm ajudado os estudantes a assistirem às aulas em modalidade remota emergencial, aumentando a quantidade de pessoas que estão em contato com informações validadas cientificamente. Contudo, esta hipótese precisa ser corroborada ou refutada em trabalho posterior.

Em nossa proposta relatada neste artigo, a ferramenta adotada para disponibilizar as aulas remotamente foi o Whatsapp, através do qual o material da aula foi encaminhado ao grupo de responsáveis, os quais se responsabilizaram a

repassá-los aos estudantes. Assim, o Whatsapp passaria a ter um caráter ambíguo nesse contexto das duas pandemias, pois, ao mesmo tempo que este aplicativo é um dos principais veículos de divulgação de *fake news*, ele também pode ser uma potente ferramenta democrática de acesso à educação remota no período de quarentena, no qual as escolas permanecem fechadas. Há também de se considerar o aspecto lúdico da utilização de ferramentas tecnológicas cotidianas nas aulas, o que, por si, pode criar uma experiência de ensino-aprendizagem mais prazerosa e significativa, do ponto de vista neuroeducacional.

Por fim, consideramos que a BNCC abre um leque de oportunidades para levar informação validada geograficamente à população no contexto da pandemia, a despeito de todos os questionamentos que são pertinentemente feitos a este documento, desde seu processo de elaboração até à sua aplicação prática no currículo real do dia-a-dia da sala de aula. São exemplos destes conteúdos, no 6º ano, as relações entre os conceitos-chave da Geografia e o contexto da pandemia de COVID-19, e como este contexto de pandemia, de maneira multiescalar, interfere no espaço vivido do aluno; no 7º ano, os impactos da pandemia no Brasil; a utilização do recurso da anamorfose geográfica, a distribuição desigual dos casos de contágio pelo COVID-19 no território nacional; no 8º ano, as relações entre o conteúdo de Globalização e meio técnico-científico-informacional à disseminação do vírus SARS-CoV-2 pelo mundo; e no 9º ano, a relação entre o conteúdo de Globalização e a disseminação do vírus SARS-CoV-2 com enfoque na Europa, sobretudo em países que foram o epicentro do vírus, como a Itália, comparados a países que conseguiram implementar medidas eficientes de mitigação da pandemia, como a Alemanha, explicitando as diferenças sociais, econômicas e regionais do continente europeu.

Como este artigo foi escrito concomitantemente à realização destas aulas junto ao alunado da unidade escolar na qual este professor-pesquisador atua na rede pública carioca, não houve tempo hábil para analisarmos o

feedback dos estudantes e o resultado pedagógico das atividades. Por isso, este esforço foi escrito como uma proposta de prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia de Letras, 1986.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 27 maio 2020.
- BRASIL. **Lei n. 13834**, de 04 de jun. de 2019. Crime de denúncia caluniosa com finalidade eleitoral. Brasília/DF, jun. 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13834.htm>. Acesso em: 27 maio 2020.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUETO, Marcos. O Covid-19 e as epidemias da Globalização. **História Ciências Saúde - Manguinhos**, 2020. Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-covid-19-e-as-epidemias-da-globalizacao/>>. Acesso em: 27 maio 2020.
- DUMONT, Gérard-François. Covid-19: fim da geografia da hipermobilidade? **Espaço e Economia [online]**, v. 9, n. 18, p. 1-9, abr. 2020.
- FÁBIO, André Cabette. O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. **Nexo Jornal**, 16 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em: 24 maio 2020.
- FUINI, Lucas. Globalização e seus aspectos geográficos: uma revisão bibliográfica. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, Sobral/CE, v. 15, n. 1, p. 49-67, 2013.
- GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Geovane. As condições estruturais da Era da Pós-verdade. In: ROIZ, Diogo; GOMES, Geovane; SANTANA, Isael. **A (pós-) verdade em uma época de mutações civilizacionais**. Serra/ES: Editora Milfontes, 2018. 385p. p.71-91.
- HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização sem limites: reflexões geográficas em tempos de pandemia (I)**. 2020a. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio-haesbaert-desterritorializacao-sem-limites-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia-i/>>. Acesso em 26 maio 2020.
- _____. **Entre a contenção e o confinamento dos corpos-território: reflexões geográficas em tempos de pandemia (II)**. 2020b. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio-haesbaert-entre-a-contencao-e-o-confinamento-dos-corpos-territorio-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia-ii/>>. Acesso em: 26 maio 2020.
- HANCOCK, Jaime Rubio. Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, 'pós-verdade', a Trump e Brexit. **El País**, 17 nov. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html>. Acesso em: 24 maio 2020.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2019**. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 26 maio 2020.
- MARS, Amanda. Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?. **El País**, 25 fev. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html>. Acesso em: 30 maio 2020.

NEVES, Karina. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: EDITUS - Editora da UESC, 2015. 139p.

RIBEIRO, Wagner Costa. Globalização e geografia em Milton Santos. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 sep. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124.htm>>. Acesso em: 27 maio 2020.

ROIZ, Diogo. Uma “era de pós-verdade”, ou a invenção de um novo inventário de mentiras? Os desafios da educação, a fragilidade dos direitos humanos e a manipulação da política: estudos introdutórios. In: ROIZ, Diogo; GOMES, Geovane; SANTANA, Isael. **A (pós-) verdade em uma época de mudanças civilizacionais**. Serra/ES: Editora Milfontes, 2018. 385p. p. 25-55.

SANSÃO, Walter. **O uso do aplicativo de comunicação WhatsApp em atendimento pedagógico hospitalar**. 202 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006. 258 p.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 236 p.

SHEPHERD, Marshall. Why Geography is a key-part of fighting the COVID-19 Coronavirus outbreak. **Forbes**, 5 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/marshallshepherd/2020/03/05/why-the-discipline-of-geography-is-a-key-part-of-the-coronavirus-fight/#4354ee484f21>>. Acesso em: 26 maio 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GUIMARÃES, Raul Borges. Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia. **Portal da UNESP**, 26 mar. 2020. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35626/por-que-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia>>. Acesso em: 27 maio 2020.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 175-195, maio/ago. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

TIMONER, Toni. Coronavirus: el fin de la globalizacion tal y como la conocemos. **Letras Libres**, 13 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.letraslibres.com/espana-mexico/economia/coronavirus-el-fin-la-globalizacion-tal-y-como-la-conocemos>>. Acesso em: 27 maio 2020.

TOBIAS, Mirela. **O fenômeno da pós-verdade no Facebook**: análise das *fake news* relacionadas aos candidatos à presidência do Brasil no primeiro turno das eleições de 2018. 216 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação)-Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

VALENTE, Jonas. Usuários de smartphone devem atualizar WhatsApp, orienta empresa. **Agência Brasil**, 14 maio 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-05/usuarios-de-smartphone-devem-atualizar-whatsapp-orienta-empresa>>. Acesso em: 27 maio 2020.